

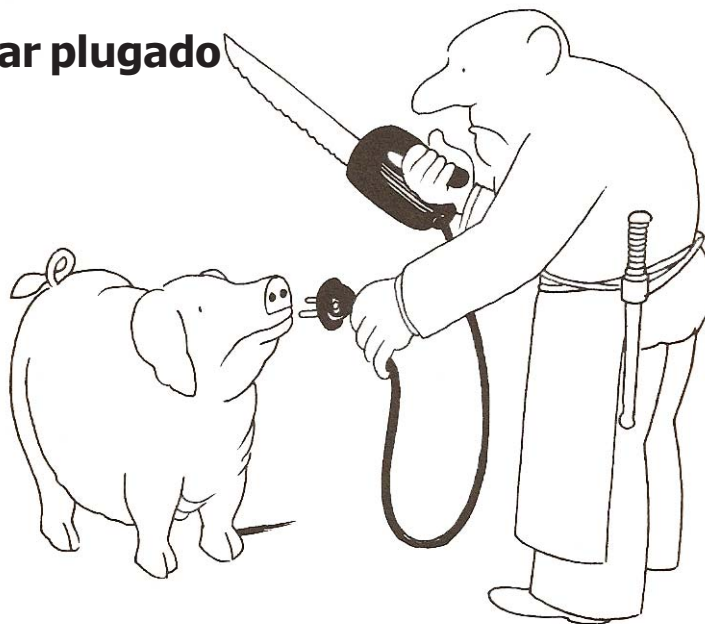
8 — O importante é ficar plugado

Ploct!
Bem-vindos ao fantástico mundo do **plástico bolha**, onde cada texto é um involuntário estouro.

Este número está mais do que especial: uma entrevista com a professora Ana Cristina Chiara da UERJ, que acaba de lançar o provocador “Ensaio de Possessão: Irrespiráveis”; o professor Julio Diniz assina um carinhoso *Aos alunos com carinho*; *Subjetivas* apresenta Ivana...

Como outubro é época de eleições e debates, publicamos também um divertido direito de resposta à coluna *Subjetivas* do número passado. Além, é claro, dos poemas, contos e, já que estamos falando deles, um ensaio.

Continuem nos enviando suas idéias!



Heinz Langer

A ASCENSORISTA

A primeira vez que vi Teresa,
foi hoje pela manhã quando desci de elevador.

Quando vi Teresa de novo,
foi hoje pela tarde quando subi de elevador.

Da terceira vez não vi mais nada,
desci de escada.

Lucas Viriato
(Letras - PUC)

Vestido de Noiva

As agulhas negras que costuram vísceras ao ar livre são movidas pela vicissitude e a negritude da noite. São pretas como as formigas que oscilam em linha reta, quando cantam a glória de banquetearem baratas. As baratas de muitas patas escarpadas, com as falhas da tessitura de retalhos, formam o vestido de tecido humano e/ou animal. A costura do vestido no movimento das patas se assemelha ao descer de navalhas vis e violentas sobre as barbas, de um tom violeta meio negro. Navalhas - simulacro da faca (a égide da polidez). As facas mesmas que visitaram as vísceras viciadas de sangue coagulado e vitimadas são o crepúsculo.

Eis o problema da costura das vísceras: a rebeldia das agulhas.

Luiz Coelho (Letras - PUC)

BLIND DATE

Alto, louro, olhos azuis, mas de óculos, lentes grossas.
Baixa, morena, tão comum, olhos castanhos, sem óculos, tiques ou manias; essas coisas que marcam as pessoas.
Pela banda larga, passaram as informações. Pelas ruas de Ipanema, ela levou o carro até o bar conhecido, onde iriam se encontrar.

Alto, louro, olhos azuis. Poderia ser o príncipe montado num corcel. O seu corcel era vermelho, fácil de reconhecer.
Ela passou devagarzinho pela porta do bar. Lá estava ele, encostado no carro.

Reduziu, quase parou. Lá estava ele. Alto e louro.
Pisou fundo no acelerador.
Ele não tinha olhos azuis.

Marilena Moraes (Letras - PUC)

aqui dispensa metáforas
essas tentativas de reter entre os dedos – escuta!
a noite sobrevoa alta e não admite
movimentos bruscos, uma fruta
estourando festiva entre os dentes.
ela está imberbe na construção de uma trança,
a dança dos dedos entreabrindo
os cabelos não incomoda ninguém.

as cigarras cantam até neste Rio de Janeiro
onde a ausência de ipês roxos e amarelos
colorindo o chão
é contornável.

..... Alice Sant'Anna (Comunicação - PUC)

A Cadeira Aristocrática

Com os quatro pés apoiados no chão ela te encara.
Altiva em sua posição de cadeira.
Consciente de seus deveres os cumpre,
Com um amor quase impessoal.



Marcela Sperandio Rosa (Filosofia - PUC)

Aos alunos com carinho

Sim, disse sim, quando Isabel Diegues, em nome do Conselho Editorial do *plástico bolha*, me convidou para esta honrosa tarefa – escrever (com carinho) um texto-depoimento para os alunos. Coloquei-me imediatamente na posição do aluno, do Júlio aluno, e não só do professor. Acionei a memória e dela emergiram personagens, imagens, lutas, dores e muita alegria. Tive mestres brilhantes durante a minha formação intelectual e afetiva. Homens e mulheres que influenciaram profundamente nas minhas escolhas: da música à poesia, da invenção do texto à sala de aula inventada, do falar ao ouvir. Foram franciscas, neys, robertos, helôs, samiras, marlenes, silvianos, affonsos, heidrums, antonios que abriram na terra fértil e ainda imatura os mapas que me levaram às cartografias do meu desejo – aprender e ensinar. Todos se transformaram propriamente em nomes comuns, verdadeiros sinônimos de mestre, vozes da transformação, da busca e da tolerância. São todos eles meus santos de guia, os que me ajudaram a atravessar um caminho mais distante que o de santiago, como romanos a me apontar a hollanda, terra das letras capturadas pelo candido gesto de acolher o outro.

De todos os meus grandes mestres, dedico (com carinho) este texto a minha musa maior, Dona Cleonice Berardinelli. Esta entidade – a outra mulher que eu conheço que carrega consigo o título de Dona, com a força dos nobres e a firmeza dos sábios, é Ivone Lara, a sambista genial – acabou de completar 90 anos. Eu pude participar de alguns dos eventos que celebraram o aniversário de Dona Cleo e em todos eu me reencontrei com o macérrimo e cabeludo pós-adolescente que com 17 anos resolveu fazer Letras na UFRJ. Lembro-me da aula inaugural que ela proferiu (com carinho) no Auditório Gil Vicente, trafegando (de cor, cordis) por sermões de Vieira, trechos dos autos vicentinos, cantos de Camões, parágrafos de Eça, versos de Pessoa. Minha vida nunca mais foi a mesma depois daquela clara tarde de outono.

Queria muito dizer a vocês, alunos de Letras, que o que eu humildemente posso escrever sobre a nossa relação cotidiana diz muito das vozes que me antecederam e que me ajudaram a ver melhor o horizonte. Da Gávea, sim, vê-se com propriedade a linha dos mais delirantes sonhos a adormecer na tenda azul do além-mar. Queria muito que vocês soubessem da minha alegria de poder construir com vocês um pouco mais do inacabado edifício que é o saber, da delirante aventura que é o homem, bicho da terra que de tão pequeno resolveu falar, ler e escrever. Queria muito afirmar, trazendo Dona Cleonice à cena, que vale a pena ser professor, não pela alma que não é pequena, mas pela vida que carece de navegadores e timoneiros. Com delicadeza, obstinação e carinho, sim.

Júlio Diniz

Professor de estudos de Literatura

Direito de Resposta

Marcella Winter (R.I. - PUC)

Gregório,

Quando me comparas a uma gripe, vejo que, na verdade, sofres de cólera. Se fosses De Mattos, entenderia tuas palavras, vindas de uma boca vinda do inferno; mas como não és, obviamente, fico sem saber o motivo de tal revolta poética.

Gripes são fáceis de prevenir: é só evitar beijos na chuva, conversas no sereno ou mudanças repentinas de temperatura. Você pode alegar que algumas vêm sem avisar, tomando o que vêm pela frente; mas eu avisei. E você se deixou contagiar.

Em respeito ao que nós (não) vivemos, paro por aqui. E se eu for uma gripe: ao menos, agora, graças a mim, você está prevenido contra as más influências da vida.

Manuela.

Metafísica

E ela, já apercebida de tudo, certa vez me soltou esta: que um conhecido seu, que eu sabia sofrer de efervescências quais às minhas, viera a passar bem tomando determinada infusão. Disse-o, sim, mas fingiu desconhecer o meu estado por delicadeza; mencionou o tal efeito da infusão, sem nunca me sugerir, como se eu fosse o maior herbolário do mundo; e, com isso, provocou em mim um tal ódio que me fez calar. O ridículo é que tomei por conselho o seu dito e, pior ainda, beneficiei-me dele: e a coisa funcionou; curou-me uma úlcera, ainda que a cura me abrisse mais duas ou três.

(Mas como pôde ter visto minha condição, se eu a escondia com tanto cuidado, eu não o sei. Bem verdade, tinha o hábito de caminhar pelos corredores durante as noites de insônia; mas dava passos tão tímidozinhos... como ela os percebia? Além disso, não pode ninguém ficar parado, toda uma noite, no mesmo lugar – salvo, é claro, esteja dormindo!)

Que coisa mais vulgar e rasteira é o sofrimento: é a falta de uma infusão! Não há inteligência na coisa, nem nada de elevado; é um simples efeito que não se pensa, e age, e é só isso. E todas as demais paixões, todas elas, não são diferentes: imergidas na quentura, se espalham e fazem milagres; mas basta que se as retire da circunstância e, pronto, tornam-se a borra indigna, viscosa e imbecil que jaz depositada nas fundezas do lodo humano. Ó úlceras revoltosas, minhas úlceras, dissei tudo que quereis agora!

– Nós...

Elas falam! Que maravilhosas!

– Nós somos reflexo da existência de um estômago; e a dor que nós causamos é a expressão da nossa vida. Mas a nossa vida é só um reflexo: nós já o dissemos.

E falam bonito! Quanta sabedoria! Quisera não ser louco!

– Nossa inteligência é eco dos impulsos elétricos que o teu cérebro produz; não é loucura, isso não existe. Acreditas estar pensando, mas são impulsos. E pensar sobre os impulsos é o mesmo: toda a metafísica é um acaso fisiológico impensado. É tudo físico; mas quem te diz isso são os impulsos também.

Pois bem, se quereis saber, eu vos direi... Se é desse modo ou daquele, isso não interessa; importa que é, e que é de um modo ou de outro (talvez dos dois ou de nenhum): e isso é a coisa importante mais trivial que eu sei dizer.

Rodrigo NC (Letras - PUC)

Subjetiva por *Gregório Duvivier*

Ivana

Ivana tinha alguma coisa esquisita que, deitada na praia, parecia um cadáver. O mar revolto, o sol ardendo, e Ivana ali, cadáver. Não que fosse mórbida. Ou branca demais. Ao contrário, era morena, cintilante, e saúde pura, malhava até. Mas na praia, deitada, era cadáver. Nunca disse isso a ela. Nem a ninguém. Fui amigo dela e em seguida namorado e em seguida marido e em seguida amigo de novo e entre um e outro fui algumas vezes inimigo de morte. E em momento algum deixei escapar para Ivana sua verdadeira condição de cadáver.

Qual não foi a minha surpresa ao ver que Ivana morta tinha alguma coisa esquisita: achei que estivesse deitada na praia.

Proteção

à Larissa DeFillipo

No afago das maternas mãos
Feliz com carinhos que ouço
E da esperança que me dão,
O colo dela é veludo

Felpa de invólucro casulo,
Que me aquece e me revigora
E quando minha pele toca
O medo de antes fica nulo

Tecido acamurçado braço.
Ser envolto nesse laço,
Só um filho pode desejar

Conforto simples acessório
Macio felpudo envoltório.
Que só uma mãe pode nos dar

Thiago Espósito
(UniverCidade)

plástico bolha

produção pelos alunos da
graduação de Letras da PUC-Rio

Tiragem: 7.000
Impresso na CUT Graf

Editor
Lucas Viriato

Editora Assistente
Marilena Moraes

Redator
Pedro Neves

Fotógrafa
Márcia Brito

Tesoureiro
André Sigaud

Revisão
Rubiane Valério

Distribuição
Luiza Vilela

Conselho Editorial
Luiz Coelho; André Sigaud;
Mauro Rebello; Gregório Duvivier;
Isabel Diegues; Julia Barbosa;
Camila Justino; Milene Portela.

Colaboradores
André Sigaud; Julia Barbosa; Pedro Rajão;
Alexandra Wiltshire; Wesley Carneiro;
Ana Carolina Cabral; Henrique Meirelles;
Luiza Vilela; Marilena Moraes;
Lua Blanco; Flávia Jordão;

Agradecimentos
Cominex Etiquetas

Envie seus textos para:
jornalplasticobolha@gmail.com

Irrespirável e ‘in-biografável’

Ela preferiu não expor dados de sua biografia, por se achar comum demais. A professora Ana Cristina Chiara, da UERJ, pode até se julgar uma pessoa comum, mas o livro “Ensaio de possessão (irrespiráveis)” não é - definitivamente - uma obra comum. Em alguns ensaios sobre literatura, ela subverte o próprio conceito de texto ensaístico-literário, “arranhando-o com as unhas”, como explica nessa ótima entrevista que nos concedeu.

A professora Marília Rothier diz que o ensaio é uma forma de escrita que reconhece na arte o mesmo potencial de produção do conhecimento que é creditado normalmente à ciência. Como ensaísta, você se sente produzindo conhecimento através da arte?

Eu concordo com a Marília, claro, porque ela se refere, por exemplo, a escritores como Walter Benjamin. Meu caso, no entanto, é de um outro tipo de ensaio. Seria uma experimentação do ensaio. No caso particular dos ensaios que publiquei, eu tinha uma deliberada intenção de deslocar o lugar da reflexão, o lugar de onde eu falava, pensava, escrevia, para um “canto” meio de banda, como quem vê o circo pelo lado de fora da lona... Era mais para provocar um arranhão na pele sedosa da linguagem. Mas isso já é de uma enorme pretensão...

Seu trabalho é bastante ousado, mesmo para um ensaio. Até onde há espaço para a ousadia no mundo acadêmico, esse seria um de seus interesses?

De um modo geral não pode haver “espaço para ousadia”. Ele tem de ser conquistado, desafiado. Se não qual a graça? Eu não me preocupo muito com as conseqüências do que escrevo, pois as coisas se impõem como necessidade, daí serem ensaios de possessão.

Com base na experiência de quem responde muito a “por que Plástico Bolha?”, por que o “irrespiráveis” do título de seu livro?

Os irrespiráveis estão dentro de uma bolha sempre...Eu comecei a escrever umas coisas a que chamei de Formas do irrespirável, por causa de um

verso do Wally Salomão. Estas “formas” tiveram uma circulação de cinco ou seis vítimas para quem eu mandei por e-mail e respondiam a um tipo de experiência de sentimento que, vi depois, tinham a ver com o clima dos ensaios. O irrespirável é bacana porque tem dentro dele a possibilidade do respirar e a de pirar. Depois tudo volta ao normal.

Em dois ensaios do livro você trata de Carolina Maria de Jesus, autora (negra e favelada) de “Quarto de Despejo”. A autora também já foi objeto de outros estudos seus. Para você, qual o lugar de Carolina dentro do contexto de nossa literatura? Apesar de toda a tendência de “valorização das margens” da contemporaneidade, podemos dizer que Carolina recebe, atualmente, o seu devido valor?

Eu trato dela de um modo menos piedoso do que a “valorização das margens”. Acho que a Carolina viraria “o diabo de saias” se eu a tratasse deste modo. Eu a trato como uma escritora tão maravilhosa quanto Clarice Lispector ou Hilda Hilst.

No ensaio “Um Anjo Flagrado em Pleno Voo”, você trata da sua xará Ana Cristina César, poeta e ex-aluna da PUC, que se suicidou nos anos 80. No texto, é mencionada uma atitude de “fingimento sincero” no jogo da poeta para sua “platéia”. Você diria que em sua poesia já poderiam ser identificados traços do suicídio?

Olha, eu sou um pato, um prato, para os suicidas. Minha dissertação de mestrado foi sobre o Nava, mas antes já tinha me dedicado muito ao Torquato, depois a Ana e este ano juntei num pacote a Ana C, a Sylvia Plath e a Alejandra Pizarnik...E o negócio é o seguinte: se a gente banca o leitor detetive pode identificar traços



de suicídio em todo escritor porque escrever é se suicidar um pouco e em muitos sentidos - bons e ruins. Mas sim, você pode identificar traços suicidas na escrita da Ana C. O que talvez seja mais enigmático é saber se os que se suicidam efetivamente escreveram para ensaiar o suicídio ou para adiar um pouco. Se você quiser, poderá até achar que eu te respondendo assim sou uma suicida em potencial. E isso dá um medo. Mas é mentira.

Para finalizar, você poderia fazer um breve resumo de sua biografia para montarmos a chamada da entrevista?

Difícil resumir a biografia de uma professora, de uma mãe, de uma mulher comum. Porque a vida de uma pessoa comum é in-biografável, né?

Ensaio de possessão (irrespiráveis) -
De Ana Cristina Chiara. Editora Caetés
118 pg R\$ 22,50 (na CargaNobre)

colaboraram: Marília Rothier e Sueli Rios

Produção Textual

Letras

Discurso

Poesia

Literatura

Formação de Escritor – 3 anos
Formação de Tradutor – 4 anos
Formação de Professor – 4 anos
Português e Literatura
Português e Inglês

Roteiro

Tradução

Leitura

Departamento de Letras – PUC-RIO
(21) 3527-1444/1445/1447
letgra@let.puc-rio.br
www.lettras.puc-rio.br

ETTORE

CUCINA ITALIANA

PÃES

ANTIPASTOS

MASSAS

MOLHOS

PIZZAS

SALGADOS

DOCES

TORTAS

Entregas na Gávea e Leblon
sábados, domingos e feriados

(Leitores do plástico bolha têm 5% de desconto)

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ

Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

Verdade em Três Esquifes

Bruno Cintra (Direito-PUC)

O afeto, afã histérico,
A faz tecer delírios
Afaste, ser de lírios,
Tua química quimérica!
Tu, a que me causas cáusticos
Calvários de ódio implícito,
É a mesma que, com cânticos,
Me encanta em crime lícito
Num canto um quanto rústico
Do mar de ardor cardíaco;
Domar-me irá num lírico
Domínio demoníaco,
Sem pressa; e eu, dramático,
Sem precisão ou crítica,
Sempre celebro enfático
Cem preces e uma súplica:
Pra que sua fala célebre
Se lembre de ser cívica
E se salve de ser lúgubre
Em lugar de ser idílica;
Pra que sua doce crônica,
Docente em fel retórica,
Não desça indócil, sônica,
Do seio dessa sólida
Semente de sua tônica,
Sem mente feito um bólide
Somente a ser balístico.
Se mentes, és insólita!
Insulte sem ser cínica!
Insista em ser Hipólita,
Insolvente helenística,
Se és Éris, és hipócrita:
Se exerces sem ser clínica
Medicância à poética
Sem exames de ordem hínica,
Mede, e cansas de ética,
Se exime de ser inclita,
Mediocre ao ser médica,
Expurga suas encíclicas.
E em ciclos mais eufóricos
E eufônicos que lúdicos,
Eu forjo o meu folclórico
Amor de força súdita.
Amargo é meu histórico
De atar-me a tua túnica
Idiota ator sem mérito
De alarme da tua única
Presença, tão feérica.
Presente és a estética
Desta estirpe extra-emérita
Em feições e formas técnicas
Na tua face, força cênica,
Que apesar de ter-me um céptico
Da afeição entre dois dispare
De abismos tão numéricos
Quanto à soma de mil ímpares,
Ainda assumo-me um trágico
De trajar-me vil bucólico
Um Bukowski não-alcoólatra,
Sóbrio moralmente etílico,
Sob o jugo de uma ególatra
Sobra de um banquete mítico.
Apesar de ver-te a sádica
Sede de uma sede ácida
De ceifar-me a fé empírica
Numa vida outrora plácida,
Ainda deixo-me ser vítima
De um desgosto em véu romântico
Desgastado em dor legítima
Degustado em pão semântico.
Se do choro o extenso Atlântico
Foi o foro pras tais lástimas
Devolvo-te teus cânticos
Nesse coro afeito a lágrimas.

Ensaio

Era uma vez uma vila localizada logo acima da linha do equador. A vila era pequena, com não mais de uma centena de habitantes. Próximo a essa vila havia uma floresta na qual vivia uma tribo, cuja principal característica, além do canibalismo, era o fato de andarem todos com uma pena de arara vermelha atrás da orelha. Era a tribo dos Araras. Os habitantes da vila morriam de medo dos índios canibais e, por este motivo, evitavam sempre que possível entrar na floresta pelo lado onde se encontravam os Araras.

Em certa ocasião, um menino da vila, que havia acabado de ver em uma revista a foto de diversos meninos de outra vila jogando peteca, se interessou e resolveu fazer ele mesmo uma peteca. Partiu sozinho rumo à floresta e começou a catar penas vermelhas das araras da região. Talvez por pura zombaria ou mero descaso, o menino resolveu colocar uma das penas que havia encontrado atrás de sua orelha e começou a brincar como se fosse um dos integrantes da tribo dos Araras.

Entretanto, sem que o menino percebesse, uma senhora que também estava ali, colhendo flores para seu jardim, o avistou e, ao ver o menino com a pena vermelha atrás da orelha, logo o confundiu com um índio canibal e começou a gritar: "Socorro!!! Um índio quer me comer!!! Socorro!!!" O marido dessa senhora, ao ouvir os gritos, imediatamente apanhou sua espingarda, correu em direção aos gritos e, ao avistar o suposto índio canibal com a pena vermelha atrás da orelha, deu-lhe um tiro fatal. O engano causou a morte instantânea do menino que só queria brincar de peteca.

Esta pequena história pode nos mostrar quantos erros o preconceito pode gerar. O menino, só porque tinha uma pena vermelha atrás da orelha, foi confundido com um índio canibal e morto sem que pudesse sequer abrir a boca em defesa própria. No entanto, nós não podemos deixar de observar que, se ele não fosse um menino inocente, mas sim um índio canibal (com fome), a senhora, se não tivesse gritado desesperadamente, poderia ter morrido. Como dizer então que a senhora, ao agir com enorme preconceito, estava errada ao gritar por socorro?

O preconceito causou a morte de um menino, mas poderia ter salvado a vida da senhora. Não que o preconceito seja merecedor de defesa, mas cabe demonstrar que ele faz parte do instinto de sobrevivência do ser humano. Mais do que isso, o preconceito é socialmente construído. Estava introjetado no espírito daquela senhora de maneira que, sempre que ela visse uma pessoa com pena vermelha atrás da orelha, ela deveria temer.

Podemos observar um outro fato social mais próximo de nós, cariocas. Pesquisa realizada pelo economista Marcelo Néri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), "Retrato do Presidiário Carioca", nos mostra que a população carcerária do Rio de Janeiro soma 10.000 presidiários, sendo que 66,5% são negros. A maioria é composta por homens, jovens, de baixa escolaridade, solteiros, sem uma religião definida, negros ou pardos. Sabendo que a sociedade tem, muitas vezes sem saber, esses dados introjetados, fica mais fácil entender por que uma senhora qualquer, quando está passeando em uma rua à noite, ao perceber um menino negro vindo em sua direção, trata logo de atravessar a rua por temê-lo, por mais inocente que o menino seja. Não tento aqui entender as causas desse fato social que gera desigualdades entre pessoas de cores diferentes (a meu ver, as causas são estritamente econômicas), mas sim demonstrar como o preconceito é socialmente construído sem que a própria sociedade perceba.

Todos (a senhora das flores, o menino da pena vermelha, o menino negro e a senhora que atravessa a rua) têm a mesma raça, a raça humana, mas possuem identidades visuais diferentes. Logo, o preconceito não é por genes diferentes, mas sim por identidades visuais distintas, seja a cor, seja a pena vermelha na cabeça, que transmitem, cada uma de sua forma, mensagens socialmente construídas.

Segredos

"Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água bebida na concha das mãos?" – Mario Quintana

Ah! Me arrebatava, me arrasta,
Carrega-me já para lá.
Vá que tenho pressa, não me
Interessa, quero ir ver o mar.
Mar da senhora minha
Nossa senhora: ioruba iemanjá.
Mar que por passatempo,
Se angustia, se transforma violento,
Muda a maré, bagunça calmaria, se anima com o vento.
Ah! Vá logo, vá no instante, te apressa.
Cachoeira me leva, me traz, me joga, me desfaz.
Atiro-me nos teus braços, águas negras,
sou tua – Pode me guiar. Verte teus soluços,
canta, canta forte a doce melodia das águas,
Chora cachoeira, me conta os segredos do mar.

Anna Parisi (Comunicação Social - PUC)

Sem Ar

Nasci com o cordão
enrolado no pescoço,
descobri cedo que a vida
é de tirar o fôlego.
Desde então, respiro fundo,
que é pra me vingar.

Nascer é debochar da morte.



O Preço da Minha Poesia

Minha poesia
não cobra dinheiro
não cobra sorrisos
cobra apenas
a leitura,
custa, literalmente,
os olhos da cara.

Dois
poemas de
Fillipe José Diniz
(Administração - PUC)



Compre
o seu
adesivo
do
plástico
bolha
na
→

Banca da PUC



CLIQUE AQUI

<http://www.bestiario.com.br>

A partir do mesmo endereço, chegamos à revista de poesia "Máquina do Mundo" e à revista de contos "Bestiário", feita por uma turma de Porto Alegre. O site aceita material de novos escritores.

vale o clique!